

CONTRIBUIÇÕES HISTORIOGRÁFICAS DA FORMAÇÃO DA ANTROPOLOGIA MODERNA (XIX – XX)

Wendell Marcel Alves da Costa¹

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo compreender os movimentos que contribuíram para a formação da Antropologia Moderna, tendo como princípio teórico-analítico, a historiografia dos textos que deram embasamento à teoria antropológica do século XIX e XX. Nesse contexto, a partir das contribuições de autores como Franz Boas e W. Rivers conduz-se um debate histórico acerca das práticas, epistemologias, desafios e paradigmas na construção da ciência antropológica e do seu método e objeto de estudo na sociedade primitiva e moderna.

Palavras-chave: Historiografia, Antropologia, Teoria.

INTRODUÇÃO

Metáforas expressivas como 'colher' ou 'coletar' conhecimento evocam um quadro que, evidentemente, é simplificado demais, como se o conhecimento pudesse ser catado como concha na praia, colhido como fruto de uma árvore, apanhado na rede como borboleta (BURKE, 2012, p. 21).

A premissa da primeira escola antropológica, a evolucionista, pregava a categoria de que uma única explicação poderia abranger fatos de toda a humanidade. Contudo, ela também forneceu o alicerce necessário – mediante sua observação para a sociedade primitiva e a cultura como ferramenta para estudá-los – para dar impulso para que a disciplina se constituísse como ciência. É com os ingleses Edward B. Tylor (1832-1917) – a cultura nas suas mais diversas complexidades de conhecimento, crença, arte, lei e costume –, James Frazer (1854-1941) e Lewis Morgan (1818-1881), que a antropologia poderá remeter ao

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista IC/CNPq. E-mail: marcell.wendell@hotmail.com.

estudo do homem, este primitivo e moderno, que exigiam ambos ao seu modo, métodos de estudos específicos.

Nesse contexto inicial, valemos da definição de um conceito até hoje questionado nas diferentes esferas do conhecimento científico: cultura. O termo cultura foi cunhado no século XIX, particularmente no ano de 1870, e abriu as portas para a discussão da diversidade cultural em um ambiente particular, e na universalização das ideias em vários territórios do planeta. O determinismo geográfico refutado por Franz Boas já a partir do ano de 1920 demonstrou que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais. Laraia (2001) também explica que, segundo o pensamento de Franz Boas, é possível existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico.

HISTORIOGRAFANDO UMA CIÊNCIA: AS CONTRIBUIÇÕES DE BOAS E RIVERS PARA A ANTROPOLOGIA MODERNA

Franz Boas (1858-1942), geógrafo alemão que realizou pesquisas no Canadá, naturalizou-se americano e lecionou por muito tempo na escola de Colúmbia, onde fundou um dos primeiros departamentos de antropologia das Américas. Influenciado por Friedrich Ratzel (1844-1904) – conceituado pesquisador da antropogeografia –, o envia certa vez para a Groelândia.

Boas ao lado de William Rivers (1864-1922), um dos fundadores da antropologia moderna e o responsável pelo conceito de organização social, trazem para o campo das ciências sociais uma revolução do pensamento abiológico no estudo dos povos primitivos. Para explicar a importância desses dois antropólogos, que fundaram escolas importantes na concepção do que viria a ser a Antropologia nas próximas décadas, serão tecidas explicações baseadas nos dois textos dos autores, propulsores da etnografia como método da ciência do homem.

Em seus estudos antropológicos, Franz Boas levanta a hipótese de que as mesmas causas produzem fenômenos semelhantes e de que diferentes fontes também produzem fenômenos semelhantes. Para ele são três os conceitos que poderiam ser difundidos na linha do pensamento antropológico, de que na etnografia particular do antropólogo, as congruentes massas do estudo dos povos primitivos deveriam ser pré-concebidos e então constituídos: a culturalidade circunscrita, o particularismo histórico e a área cultural. Franz Boas escreve em forma de inventário os primeiros textos etnográficos, gerando não somente o primeiro

documento técnico da antropologia-campo, como também a setorização organizacional da informação levantada. Definitivamente o antropólogo repercute o seu método etnográfico através do uso intenso de anotações no caderno de campo e no circuito de observação em torno do objeto.

No texto “*As limitações do método comparativo*” (1896), de Franz Boas, são organizadas várias linhas de pensamento que indagam a anterior concepção de pesquisa etnográfica, realizando uma ruptura com a antropologia costumeira de gabinete. Essa etapa no processo metodológico representa a quebra com as teorias vigentes: as leis que governam o desenvolvimento da sociedade, nos três alcances da unidade psíquica como explicação única e atroz do homem cultural e social, da cultura material e do determinismo geográfico. Em seu texto de 1896, Boas contesta a ideia de que semelhanças culturais poderiam ser explicadas segundo uma origem histórica em comum. Segundo o antropólogo (BOAS, 2004: 26),

Enquanto, anteriormente, identidades ou similaridades culturais eram consideradas provas incontroversas de conexão histórica ou mesmo de origem comum, a nova escola se recusa a considerá-las como tal, interpretando-as como resultado do funcionamento uniforme da mente humana.

A escola americana de antropologia, com Boas, no texto “*Antropologia Cultural*” (2004), a noção de totalidade, de tratar a cultura como um sistema autônomo pensando outras implicações da sociedade (economia, política e psicologia social), prescreve a todas as compilações de ideias sobre o costume e as relações entre povos distintos do globo, podendo ser definidas como cultural, arqueológica, linguística e física. Pois mesmo a origem dos fatos comuns desenvolvidos pelos povos, podem ser analisados diante da concepção indagativa do fato. Como afirma Boas (2004): “a indagação científica precisa responder a duas questões em relação a elas”, sendo que uma é sua origem e a outra “como elas se afirmaram em várias culturas”.

Quando o antropólogo (BOAS, 2004: 27) descreve como um primeiro método para a reorganização das passagens dos costumes observados, para interpretar as dinâmicas recorrentes no local etnografado, ele sutura como em uma teia, a antropologia moderna na mais intensa e inaugural competência de seu estudo:

[...] É isolar e classificar causas, agrupando as variantes de certos fenômenos etnológicos de acordo com as condições externas sob as quais vivem os povos entre os quais elas são encontradas, ou de acordo com causas internas que influenciam as mentes desses povos; ou, inversamente, agrupando essas variantes de acordo com suas similaridades.

No contexto histórico onde as ideias de Boas ganham espaço no meio acadêmico, duas linhas de pensamento serão defendidas e analisadas: o primeiro debate será a rixa entre as ciências sociais com a biologia (que até hoje existem resquícios metodológicos e em relação ao objeto em comum), esta que influencia toda uma gama de produções literárias do século XVIII e XIX; o segundo debate, sobre a psicologia ocupando o lugar do determinismo ideológico já no final do século XIX e durante o século XX. O resultado do primeiro debate será a consequente herança dos conceitos etimológicos da sociologia pela ciência biológica.

O recorte histórico das duas discussões torna-se importante para conceber as produções intelectuais da época, quando as influências acadêmicas penetravam com maior impacto nas ditas “ciências superiores”, àquelas que dominavam todo o campo da pesquisa científica durante longos períodos.

Para a antropologia de Boas, o que importa é o contexto, e minimamente a forma. Portanto, o gabinete (a pesquisa aonde o cientista não ia a campo e analisava uma determinada população através dos estudos já realizados sobre ela) para ele era importante, relacionando as teorias concebidas com as simplificações dos relatos levantados. No entanto, Boas era um antropólogo obsessivo por etnografia, embora soubesse que já havia diversos os relatos sobre alguns povos; ainda no século XX o saber era deveras insuficiente. A filosofia de que o modelo não se pode sobressair a etnografia de Boas, não seria então implementada na antropologia moderna se a paixão dele por etnografia não tivesse fomentado um campo frutífero de intercâmbios nas regiões primitivas dos locais periféricos do planeta.

A sociologia também tem espaço definido na antropologia cultural do antropólogo americano. Para o autor, a ciência social pode angariar férteis interpretações do desenvolvimento da sociedade a partir de fatores externos, inebriando os simbolismos transmitidos pelos homens. Para o etnógrafo, os fatores psíquicos também fornecem ferramentas importantes para a antropologia moderna que recorre a uma gama expressiva de metodologias inaugurais do novo século.

Segundo ele, “Stoll tentou isolar o fenômeno da sugestão e do hipnotismo e estudar os efeitos de sua presença nas culturas de vários povos” (BOAS, 2004: 28). O antropólogo complementa (BOAS, 2004: 28):

Investigações sobre as relações mútuas de tribos e povos começam a mostrar que certos elementos culturais são facilmente assimilados, enquanto se rejeitam outros, e frases desgastadas a respeito da imposição cultural de um povo mais altamente civilizado sobre outro, de cultura inferior, que tenha sido conquistado, estão dando

lugar a visões mais minuciosas sobre o tema de intercâmbio de realizações culturais.

Para Franz Boas, é a questão das ideias universais, a origem delas, o problema da antropologia. “Muitas tentativas têm sido feitas no sentido de descobrir as causas que levaram à formação das ideias ‘que se desenvolvem com necessidade férrea onde quer que o homem viva’”, relata o autor. Em um trecho de “*As limitações do método comparativo*”, Boas (2004: 31) levanta a questão da origem de um costume primitivo em culturas distintas:

O uso de máscaras é encontrado em um grande número de povos. A origem do costume não é absolutamente clara em todos os casos, mas podem-se distinguir com facilidade algumas formas típicas de uso. As máscaras são usadas para enganar os espíritos quanto à identidade daquele que as usa. O espírito da doença que pretende atar a pessoa não a reconhece quando ela está de máscara, e esta serve, assim, como proteção. Em outros casos a máscara representa um espírito personificado pelo mascarado, que, dessa forma, afugenta outros espíritos hostis. Outras máscaras, ainda, são comemorativas. O mascarado encarna uma pessoa morta cuja memória deve ser lembrada. Máscaras também são empregadas em representações teatrais para ilustrar incidentes mitológicos. [...] Desse modo, reconhecemos que a suposição fundamental tão frequentemente formulada pelos antropólogos modernos não pode ser aceita como verdade em todos os casos. Não se pode dizer que a ocorrência do mesmo fenômeno sempre se deve às mesmas causas, nem que ela prove que a mente humana obedece às mesmas leis em todos os lugares.

Embora existam historiadores da antropologia que afirmam que Boas não criou uma tradição antropológica, ou uma escola, mas que ajudou a organizar institucionalmente a antropologia americana (ROHNER, 1969), considera-se que a sua importância reside na formação da geração da antropologia americana que produziu suas pesquisas na primeira metade do século XX.

Segundo LaPlantine (2003), as pesquisas levantadas por Franz Boas seriam hoje tituladas de *microsociológicas*, pela maneira como o antropólogo se preocupava com a questão das anotações, do minucioso detalhamento das descrições, e por conseguinte a importância extrema com as significações de um grupo específico partindo para a análise "local" (local para o global). Nas palavras de Laplantine (2003: 60), Boas

[...] Foi um dos primeiros etnógrafos. A sua preocupação de precisão na descrição dos fatos observados, acrescentava-se a de conservação metódica do patrimônio recolhido [...]. Finalmente, foi, enquanto professor, o grande pedagogo que formou a primeira geração de antropólogos americanos (Kroeber, Lowie, Sapir, Herskovitz, Linton e, em seguida, R. Benedict, M. Mead). Ele permaneceu sendo o mestre incontestado da antropologia americana na primeira metade do século XX.

Com Franz Boas, assim, não só a antropologia teórica como também o método da ciência, a etnografia, ganharam função e metodologia sistemática em suas práticas

coreográficas de “pesquisa-ação”. Ainda, é para Boas, definitivamente a relação histórica com os costumes praticados de forma inconsciente entre os povos um dos enlaces primordiais para uma experiente interpretação não apenas quantitativa dos fatos, mas de sobremaneira qualitativa. Portanto, o desenvolvimento cultural é dado pela função do método histórico nas mais diversas vicissitudes (BOAS, 2004).

Se por um lado Franz Boas inaugurou uma nova escola antropológica, baseada na confecção de escritos etnográficos, William Halse Rivers bebeu muito da fonte deste geógrafo que virou antropólogo. Em sua concepção de materialização cultural, ele também visitou as passagens de Edward Taylor, quando retomada em seus pensamentos a noção de invenção. Formado em medicina, zoologia e psicologia, Rivers levanta em seus textos, em especial “*O método genealógico na pesquisa antropológica*” (1910), não ao certo pela primeira vez, mas com certeza de forma mais científica e prática no quesito de campo, a questão comumente convencional, contudo marcante do parentesco.

A antropologia americana estudava a cultura nas massificações nas relações marcantes dos povos pelo viés do enfoque indutivo; agora, a antropologia britânica se concentra no social, na organização morfológica da sociedade. A primazia do trabalho de Rivers será agora a problemática conveniente aos etnógrafos: *como chegar a um lugar desconhecido e, em pouco tempo, fazer o trabalho produzir um pensamento antropológicamente científico?* O método do antropólogo far-se-á na complexidade organizacional do povo etnografado. Por meio disto, poderá se chegar a um sistema primário visualmente estimado das relações mecânicas entre os primitivos.

Em 1892, Rivers viaja para o Estreito de Torres e lá realiza diversas pesquisas sobre a população local. Os textos dele são mais atuais, de linguagem segura na garantia do aperfeiçoamento mais atraente a um estilo científico. Diferentemente das de Boas e Taylor. Seguramente, é neste período que se dá a transição significativa da antropologia de gabinete para as pesquisas do campo, e para Rivers o campo é um meio importantíssimo para conhecer as complexas relações de parentesco em um povo: a família constituída nas mais tradicionais divisões sociais; o casamento, com a simbologia atraente em cada cultura específica; a linguagem, como um obstáculo narrativo de um grupo pouco inclusivo socialmente. O parentesco para Rivers significa compreender, através da instituição social estabelecida, como a sociedade se organiza; assim como entender o sistema da descendência. E o método mais competente para realizá-lo é através da genealogia.

William Rivers encontrou que a religião e a família são duas instituições que podem ser encontrados em todas as populações humanas; o que nunca poderia ser conhecido com a antropologia tradicional de gabinete. Ele também percebeu que através da genealogia podem-se estudar as relações de política, os motivos das migrações, o matrimônio, o cerimonial, a antropologia física, a magia/religião, a primogenitude, a natalidade matrimonial, a investigação de problemas abstratos; além do quesito de que a verificação da veracidade é de passagem obrigatória, assim como a confiança no entrevistador. Nenhum método antes poderia relacionar tantas significações históricas, culturais e simbólicas em um único povo como a genealogia de Rivers fará.

O sistema *história-da-família-genealogia-ancestralida-de-oral-sociedades-primitivas* vai de encontro com a possibilidade de penetrar, profundamente e de forma científica, na rede de trocas artesanais entre os familiares. A linha do histórico familiar pelo método genealógico encontra na família de Kurka/Arthur, como mostra o texto “*O método genealógico na pesquisa antropológica*”, quatro gerações de um mesmo corpo familiar. Comenta Rivers (1991: 52) que:

Pelo fato de Arthur ter vivido por um longo período de tempo em Queensland, seu conhecimento não ia além da geração de seus avós. Caso ele fosse mais versado em sua genealogia, eu teria pesquisado a parentela de Sinei e Koniava, e chegado até os descendentes de seus pais exatamente no mesmo modo, seguindo assim até que o conhecimento de meu informante sobre sua família fosse completamente exaurido.

O método genealógico de pesquisa antropológica instrumentaliza a memória histórica de um povo através de mecanismos sólidos, como confere o autor, afirmando que “torna possível a investigação de problemas abstratos em uma base puramente concreta” (RIVERS, 1991: 63). O pesquisador-etnógrafo poderá ter com isso importantes conclusões orais, para interpretar a subjetividade do primitivo. A evolução da antropologia de campo só ganhou força por causa deste tipo de categoria sistêmica de estudos de caso, utilizando a ciência, nas observâncias do objeto e do método.

O método genealógico, contudo, é mais útil para aqueles que proveram um curto espaço de tempo com os primitivos. Embora que com o método genealógico pode-se obter, mesmo sem apreender a linguagem oral do selvagem, trabalhar com segurança nas informações captadas. Pode-se afirmar, assim, sem ressalvas, de que é uma das melhores formas de compreender a organização social dentro de um complexo baú de simbologias,

organizações fundadas na mais intensa e enraizada ancestralidade inconcebível para uma etnografia curta ou longa demais.

Muitas vezes o primitivo não está interessado em falar de sua própria história, assim responde superficialmente e com desatenção o entrevistador, que deverá então usufruir de todos os dados fornecidos pela genealogia, que é deveras mais objetiva. Dessa maneira, para Rivers “o método genealógico, ou outro similar, que torne tal demonstração possível, ajudará a colocar a Etnologia num posto de igualdade, juntamente com as demais ciências” (1991: 67).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *antropologias* de Boas e Rivers acabariam levando para o desenvolvimento da técnica da etnografia como método da ciência antropológica. Se toda a linha histórica desta evolução for tomada como um processo de conhecimento do Outro, como forma peculiar de subjetividades simples, a etnografia dessa maneira nunca será completa e estará sempre se reinventando e se adequando às transformações do objetivo e do ambiente para poder sempre inovar. A etnografia após as primeiras excursões dos dois antropólogos transformaram-se na deliberação estimada da investigação científico-histórica, reunindo materiais e objetos para criar o acervo da cultura primitiva (BURKE, 2012).

Esse imenso e complexo processo da interpretação do homem primitivo, do homem não conhecido, estará sob um dossel de conhecimentos teóricos e práticos, inebriados na concepção do etnógrafo. Cabe a este último, como citam e exemplificam, assim, nos diversos estudos de Franz Boas e William Rivers, em especial os dois analisados aqui, como o elo de discussão elucidativa entre a diversidade da cultura pesquisada e a elaboração do pensamento significante desta realidade parcialmente e superficialmente abstrata.

Referências

BOAS, Franz. “As limitações do método comparativo da Antropologia”. In: Celso Castro (Org.). **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento II**: da Enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

DAMATTA, Roberto. **Você tem cultura?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

RIVERS, William Halse. “O método genealógico na pesquisa antropológica”. In: OLIVEIRA, R. C. (org.). **A Antropologia de Rivers**. Campinas: Unicamp, 1991.

ROHNER, Ronald. Introduction Franz Boas and the Development of North American Ethnology and Ethnography. In: ROHNER, Roland (Org.). **The Ethnography of Franz Boas**. London and Chicago: The University of Chicago Press, 1969.